

Marcas Da Oralidade Na Escrita Nos Níveis Discursivo, Morfossintático E Fonético: Análise De Uma Carta De Apresentação Produzida Por Um Aluno Do 5º Ano

MARKS OF ORALITY AT WRITING IN DISCURSIVE, MORPHOSYNTACTIC AND PHONETIC LEVELS: ANALYSIS OF A COVER LETTER PRODUCED BY A STUDENT OF THE 5TH YEAR

Luciane **WATTHIER**¹

Terezinha da Conceição **COSTA-HÜBES**²

Resumo: Trazemos, aqui, reflexões teóricas acerca das marcas da oralidade na escrita, assim como uma análise de um texto de um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental, por meio da qual buscamos identificar as marcas de oralidade apresentadas. São reflexões iniciais de uma pesquisa de doutorado, cujo objetivo é trabalhar com textos pertencentes ao gênero discursivo Carta de Apresentação, produzidos por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de cidades da região Oeste do Paraná. Buscamos identificar as marcas de oralidade nos níveis discursivo, morfossintático e fonético para, em futuros trabalhos, tecer propostas de trabalho docente que atendam diretamente aos problemas apresentados. Trata-se de uma investigação qualitativa em pesquisa educacional, do tipo descritiva e interpretativa-crítica. Nossa perspectiva epistemológica é o interacionismo, com bases teóricas na Linguística Aplicada (LA) e na Sociolinguística.

Palavras-Chave: Marcas da oralidade. Ensino de Língua Portuguesa. Gênero discursivo Carta de Apresentação.

Abstract: We bring, here, theoretical reflections about marks of orality at writing, as a analysis of a text from a 5th years' student of elementary school, through which we look for identify marks of orality presented. These are initials reflections of a doctoral research, which goal is to work with texts belonging to the discursive genre Cover Letter produced by 5th year' students of elementary school, from Western cities of Parana. We look for identify marks of orality in discursive, morphosyntactic and phonetic levels to in future work to devise works proposal to teachers which serve directly to the problems presented. This is a qualitative investigation in research educational, descriptive and interpretative-critical. Our epistemological perspective is the interactionism, with theoric bases iApplied Linguistic (AL) and sociolinguistic.

Keywords: Marks of orality; Teaching Portuguese Language; Discursive genre cover letter.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Área de concentração: Linguagem e Sociedade. Bolsista no projeto "Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná" (Observatório da Educação – ODEDUC), com fomento da CAPES. Endereço eletrônico: lu.lettras@hotmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), câmpus Cascavel. Bolsista e coordenadora do projeto "Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná" (Observatório da Educação – ODEDUC), com fomento da CAPES. Endereço eletrônico: tehubes@yahoo.com.br.

Introdução

Esta pesquisa³ se foca no tema “marcas da oralidade na escrita”, considerando os níveis discursivo, morfossintático e fonético, por considerarmos que se trata de um aspecto muito observado em textos de alunos, o qual está ligado, diretamente, ao ensino/aprendizagem da língua escrita. Um assunto que nos preocupa como pesquisadores e professores de língua portuguesa, já que inúmeras são as dificuldades de escrita por parte de alunos.

Esse tema começou a ser investigado a partir dos trabalhos desenvolvidos dentro do projeto “Formação continuada para professores da educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a alfabetização em municípios com baixo IDEB da região Oeste do Paraná” (Observatório da Educação – ODEDUC). Trata-se de um projeto de pesquisa e de extensão, sustentado na temática formação continuada, voltado a professores da educação básica – anos iniciais – de sete municípios da região Oeste do Paraná, os quais apresentaram IDEB abaixo de 5,0 na avaliação do INEP/SAEB de 2009. Tal projeto conta com fomento da CAPES/INEP, desenvolvendo-se em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel.

Nesse projeto, um dos instrumentos utilizados para geração de dados foi a aplicação de um simulado da Prova Brasil, no ano de 2011, aos alunos de 3º ano e 4ª série/5º ano dos municípios envolvidos. Nesse simulado, embora a Prova Brasil não o faça, optamos por contemplar uma produção textual, de forma a avaliar a escrita do aluno, tanto no nível ortográfico quanto, e principalmente, no plano textual/discursivo. Durante a análise/correção dos textos, percebemos a presença constante de desvios da norma padrão da língua portuguesa, principalmente em consequência de marcas da oralidade interferindo na escrita. Tratava-se de desvios tanto no nível do discurso, quanto morfossintático e fonético, os quais, de forma muito recorrente, acabavam por intervir na organização do texto escrito, por vezes, prejudicando, até mesmo, a sua compreensão.

Devido a essa constatação, fomos modelando um projeto de pesquisa, que apresentamos para nosso ingresso no curso de doutorado em Letras⁴. O objetivo é trabalhar com textos escritos

³ Por estar ligada ao Observatório da Educação (OBEDUC), contamos com o parecer de ética.

⁴ Estamos cursando o 2º ano do doutorado em Letras no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes. Nossa proposta se inscreve na Linha de Pesquisa *Linguagens: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino*.

de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de quatro municípios no qual atuamos com o projeto do OBEDUC. São produções pertencentes ao gênero discursivo “carta de apresentação”, buscando refletir sobre marcas de oralidade na escrita, tanto em nível discursivo, como morfossintático e fonético e, a partir da análise e reflexão, tecer propostas de trabalho docente que atendam diretamente aos problemas apresentados. Porém, neste artigo, nos debruçamos apenas na análise de um dos textos que compõem o *corpus*, tendo em vista o reduzido espaço constituinte deste gênero acadêmico e o fato de a pesquisa estar em fase inicial de desenvolvimento.

E, por falar em desvios da norma padrão no nível discursivo do texto, compreendemos ser esse um diferencial de nossa pesquisa: ela não busca investigar esses desvios de forma descontextualizada do texto, ou seja, apenas no nível ortográfico, fechado em si mesmo. Isso se deve ao fato de que nosso trabalho e, da mesma forma, nossa prática pedagógica, estão situadas na concepção dialógica de linguagem, o que significa dizer que compreendemos a língua como social, histórica e ideológica. E o sujeito, nesse contexto, é igualmente social, ativo e interage por meio dessa língua (BAKHTIN, 2004). Pautamo-nos, pois, em pressupostos teóricos de Bakhtin e pesquisas desenvolvidas no Brasil sob este escopo.

Dessa forma, analisamos, além dos desvios gramaticais da norma padrão, a repetição de palavras e de elementos coesivos, conectivos da oralidade (daí, né, ah, e), marcas de concordância, segmentação ou junção de palavras, omissão de pronomes oblíquos, problemas de inadequação morfossintática, pontuação, além de problemas relacionados ao contexto e à situação de produção, ao gênero discursivo, entre outros. São marcas da linguagem informal com que a criança se comunica, as quais deixa transparecer na escrita, demonstrando que está em fase de aquisição da norma padrão e de adaptação de sua linguagem. Com base em apontamentos de Rojo (2010), essa aquisição não se dá em um processo linear, mas requer idas e vindas, reorganizações, reestruturações e articulações.

Nesse sentido, seria incoerente, nesse trabalho, sobre a interferência da oralidade na escrita, não levar em conta o contexto de produção, o gênero, suas características e a situação de interação. Buscamos, pois, desenvolver uma análise tanto no nível textual quanto discursivo, de forma que a frase, o texto e o discurso sejam considerados, rastreando como a oralidade se revela em cada nível e de que forma ela interfere na organização textual-discursiva.

Para tal análise, tomamos como referência o sistema ortográfico da língua escrita padrão. Falamos, conforme Brito (1997, p. 56-57), “de uma convenção social com regras relativamente explícitas no que diz respeito à ortografia, concordância nominal e verbal e regência e, no uso de

determinadas expressões lexicais”. Assim, segundo esse pesquisador, é um padrão de correção (ou, diríamos nós, de fala/escrita mais adequada ao contexto formal), cuja finalidade é a de garantir a unidade nacional da língua. Conforme Bortoni-Ricardo (2005), essa norma possui um “conjunto de critérios referenciais que determinam os padrões de correção e aceitabilidade da língua” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 24). Trata-se da variedade de fala que tem maior prestígio, independente do contexto social. Referimo-nos, portanto, à norma padrão como mais uma variedade linguística (de maior prestígio) empregada pelos usuários da língua. Mesmo reconhecendo-a de tal forma, não entendemos ser ela superior às demais, mas tratamo-la como uma aquisição linguística necessária que pode ser propiciada ao aluno.

Nessa perspectiva, já demos pista de que tomamos o dialogismo e o interacionismo como perspectivas epistemológicas, com bases teóricas na Linguística Aplicada (LA) e na Sociolinguística, já que, ao se trabalhar com o aspecto citado, levamos em conta os diversos contextos em que se produz linguagem e a forma como interferem na interação verbal. Trata-se, assim, de uma investigação qualitativa em pesquisa educacional, do tipo descritiva e interpretativa-crítica, haja vista que o principal interesse é a interpretação dos dados com um olhar na abordagem didática, ou seja, buscando agir sobre eles e a partir deles, de forma a socializar conhecimento.

Para dar conta das reflexões propostas, nosso artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente apresentamos o texto a ser analisado, a forma como os dados foram gerados nos municípios e, ainda, comentários sobre as características do gênero discursivo „carta de apresentação“. Em seguida, expomos nossas considerações a respeito dessa produção, destacamos e analisamos as marcas de oralidade nos níveis discursivo, morfossintático e fonético, ao mesmo tempo em que tentamos apresentar uma breve definição desses, refletindo sobre como a oralidade interferiu na ideia expressa pelo aluno e, conseqüentemente, na organização de seu texto.

O *corpus* da pesquisa

Antes de tratarmos do *corpus* analisado, é de grande valia justificar a faixa etária e a localização geográfica dos sujeitos selecionados para participar da pesquisa. Trata-se de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de 4 dentre os 7 municípios envolvidos no OBEDUC (projeto especificado na introdução deste artigo). Optamos por alunos desses municípios pelo fato de que a pesquisa de doutorado (da qual se origina este texto) está intimamente ligada a esse projeto. Em

relação à faixa etária, estamos trabalhando com alunos do 5º ano por compreendermos que, nesse nível de ensino, eles estariam com a capacidade de escrita mais desenvolvida, com maiores condições de produzir um texto. Partindo desse contexto, entendemos que a análise que efetivaremos poderá apresentar as principais dificuldades que ainda persistem tanto no nível discursivo, morfossintático e fonético, em termos de escrita, de acordo com a especificidade de cada gênero discursivo cujo estudo é recomendado para esse ano de ensino.

Por compartilharmos das teorias do círculo de Bakhtin, contemplamos, na seleção do *corpus*, os gêneros discursivos, já que é por meio deles que ocorre a interação verbal (BAKHTIN, 2003), por meio da qual a linguagem se manifesta realmente. Também conforme o aporte teórico do Interacionismo (GERALDI, 1984; 1991), reportando-nos ao ensino, a linguagem só pode ser ensinada e apreendida por meio de sua utilização em contextos de interação verbal, o que significa promover, ao aluno, situações reais de uso da língua, ou seja, momentos em que, enquanto aprende, ele interaja, verdadeiramente, com um interlocutor real. A partir de situações assim vivenciadas, criar condições para que a circulação de textos produzidos na escola aconteça, de forma que uma produção não se encerre apenas na correção do professor.

Na perspectiva de promover, portanto, uma situação real de interação por meio de um texto escrito, foi que optamos por um gênero que pudesse ser concretizado naquele momento em que os dados estavam sendo gerados, isto é, que fosse escrito para um interlocutor real. E aquele que nos pareceu mais adequado foi a Carta de Apresentação, pois, como professoras e enquanto buscávamos o *corpus* de pesquisa, podíamos colocar-nos, ao mesmo tempo, como interlocutoras das cartas a serem produzidas.

O gênero discursivo “carta” apresenta, segundo Watthier (2010), uma grande complexidade, já que possui vários modelos e diferentes características, de acordo com cada situação sócioenunciativa que o envolve. Nesse sentido, a carta de apresentação seria apenas um dos modelos existentes. Porém, há alguns aspectos sempre presentes nos textos pertencentes a esse gênero. É o que apresentam Baumgärtner e Cruz (2009):

[...] é necessário que o produtor se assuma como locutor, numa relação interlocutiva [...]. Ao interagir com o outro através do gênero carta, o autor considera uma série de elementos contextuais:

- ele é alguém na sociedade;
- ele escreve para alguém;
- ele tem um objetivo;
- ele se constitui como sujeito de seu discurso e lança mão de estratégias para realizar o processo de interlocução;
- ele escolhe o gênero mais apropriado para atingir seus objetivos;
- ele escolhe o meio de divulgação (p. 169-170).

Em outras palavras, quando pensamos em escrever uma carta, normalmente, o fazemos respondendo a uma correspondência recebida ou, então, por uma necessidade de dizer alguma coisa a alguém que, normalmente está distante. Escrevemos, pois, para uma determinada pessoa, com um objetivo comunicativo em mente, realizando, de acordo com Baumgärtner e Cruz (2009), uma intervenção por meio da linguagem em seu registro escrito.

Por isso, ao propor essa produção aos alunos dos municípios envolvidos no projeto, primeiramente produzimos uma carta de apresentação, por meio da qual nos apresentávamos a eles. Isso foi feito com dois objetivos: primeiro, fazer com que a interação por meio desse gênero fosse completa, ou seja, os alunos receberiam uma carta e responderiam-na e; segundo, proporcionar um primeiro contato com o gênero discursivo Carta de Apresentação, tendo em vista que o mesmo ainda não havia sido trabalhado em sala.

Dessa forma, entregamos a cada aluno a nossa carta de apresentação. Em seguida, fizemos sua leitura e fomos refletindo, no coletivo, sobre o que caracterizamos textos desse gênero: qual é seu objetivo de escrita, para quem ele pode ser destinado, como deve ser a linguagem utilizada nesse gênero, em quais situações interacionais devemos produzir um texto pertencente a esse gênero, qual é o seu suporte e como são veiculados. Além disso, conversamos sobre a sua estrutura composicional apresentada: os elementos que a compõem e a forma de disposição de cada um deles. Frisamos, entretanto, que essa estrutura não é fixa, já que, conforme apontado por Bakhtin (2003), os gêneros são enunciados relativamente estáveis, mas podem ser alteradas conforme o contexto social em que está sendo produzido sem, no entanto, descaracterizar o gênero discursivo.

Depois dessa apresentação e explanação sobre o gênero, solicitamos que também eles produzissem uma carta na qual se apresentariam para nós, seus interlocutores, com o objetivo de nos conhecermos melhor. E, por isso, as cartas seriam guardadas como lembrança, o que os estimulou bastante para a escrita.

Em relação ao contexto de produção e ao conteúdo temático do texto que seria produzido, tratava-se de um texto de autoria do aluno, cujo interlocutor, naquele momento, éramos nós, visitantes de uma cidade vizinha, em sua escola. Sua função social era a de apresentação, trazendo informações pessoais, experiências já vividas, gostos, etc. Por isso, quanto à construção composicional da carta, predominaria a descrição e a exposição, apresentando, primeiramente, o local e a data, depois o vocativo, o qual seria seguido pelo texto e finalizaria com a despedida e a assinatura. Quanto ao estilo, seria um texto de, aproximadamente, uma

lauda, organizado a partir do domínio da linguagem padrão, ou seja, preservando-o do uso de gírias, de marcas da oralidade, de regionalismos, etc., pelo fato de que, nessa situação específica, nós não éramos conhecidos íntimos.

A produção textual foi encaminhada com o seguinte enunciado (ou comando de escrita):

Figura 1: Enunciado ou comando de escrita para a produção textual das cartas de apresentação

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL – 5º ANO	
NOME: _____	DATA: ____/____/2013.
MUNICÍPIO: _____	
<p>Querido(a) aluno(a):</p> <p>Você acabou de ler um texto escrito pelo(a) professor(a). Por meio desse texto, você pôde conhecê-lo(a) um pouco mais porque ele(a) escreveu sobre onde nasceu, onde já morou, o que fez até hoje (tanto no seu trabalho quanto na vida pessoal), quais são seus principais sonhos e desejos, entre outras coisas. Ou seja, no texto, o(a) professor(a) se apresentou e, por isso, esse texto se chama <u>CARTA DE APRESENTAÇÃO</u>.</p> <p>E, agora, chegou a sua vez! Nas linhas abaixo, escreva uma <u>CARTA DE APRESENTAÇÃO</u> destinada <u>ao(a) professor(a) que escreveu a carta</u>. Assim como ele(a), conte sobre sua vida: onde você nasceu, onde e com quem mora hoje, onde já morou. Fale ainda sobre seus estudos, sua família, animais de estimação, sonhos e desejos, entre outras coisas que achar importante.</p> <p>Mas, lembre-se: o(a) professor(a) não é uma pessoa muito íntima sua e, por isso, tente utilizar uma linguagem mais formal. E por ser uma CARTA, não se esqueça de colocar: local e data, vocativo, desenvolvimento (assunto), despedida e assinatura. Capriche, pois, por meio dessa CARTA, o(a) professor(a) poderá conhecê-lo(a) melhor.</p>	

Fonte: banco de dados do OBEDUC

A proposta de produção escrita foi desenvolvida, conforme já dissemos, em quatro municípios, totalizando 392 textos. Desses, farão parte de nosso *corpus* apenas 40, considerando a extensão da análise a ser realizada em relação às marcas de oralidade apresentada. Para esse recorte, selecionamos, primeiramente, textos das turmas em que pudemos acompanhar a geração dos dados, por compreender que isso nos dará maior respaldo durante as análises. Isso resultou em 161 textos, número ainda muito elevado, motivo pelo qual fizemos um novo recorte: escolha aleatória dos 40 textos que apresentam o maior número de marcas da oralidade, de forma a conseguir realizar uma análise profícua. Nessa seleção, embora não objetivemos comparar a escrita dos meninos com a das meninas, tomamos, apenas, o cuidado de selecionar a mesma quantidade de textos de cada gênero/sexo, já que, conforme comprovado por Paiva (2010), na fala feminina, tende a predominar uma forma de prestígio e, por isso, essa variável pode trazer fatores significativos.

Todavia, para este artigo, focamos a análise em apenas um dos textos produzidos, no qual nos detemos para apontar aspectos da oralidade que ainda persistem tanto em nível discursivo, como no morfossintático e no fonético. Por questões éticas, optamos por não revelar o nome do

aluno produtor dessa carta, assim como o município em que ela foi produzida. Eis o texto a ser analisado, transcrito tal qual produzido pelo aluno:

Figura 02: Texto produzido por aluno do 5º ano

....., 02 de agosto de 2013
 Querida Professora agora vou responder sua carta Eu nunca se mudou desde que eu nasci e moro no sítio Eu gosto de cachorro gato etc Eu amo sítio e a cidade mais omeos Eu moro com minha mãe, vó, irmão, irmã, está e a minha família eu quero ser professora ou medica mais foi muito legal a minha infância Eu estudo i Eu gosto muito de estudar a minha turma e legal. Eu gosto muito de Bebeis a verdade Eu gosto de criança Eu vazo capoeira de cedo e legal meu nome e K.S. Eu tenho dez anos. Eu gosto de zoologico por que tem amimaes como leão, cobra, tigre, pantera, macaco, papagaio, coruja, etc. ate mais Eu desejo tudo de Bom para você Querida professora Luciane
 Um grande abraço e um Beijo
 K.S.

Fonte: banco de dados do OBEDUC

Como é possível observar, esse texto é de difícil compreensão, uma vez que a escrita apresenta problemas tanto de ordem estrutural quanto morfossintática, fonética e, principalmente, discursiva. Sobre isso, porém, discorreremos na próxima seção.

Texto do gênero “carta de apresentação”: reflexões quanto às marcas da oralidade

Nesta seção, analisamos as marcas da oralidade presentes no texto citado (figura 02) no nível discursivo, morfossintático e fonético.

Nível discursivo

Em nossa pesquisa, ao falar do discurso reportamo-nos aos estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin⁵, para o qual a língua sempre deve ser estudada dentro de seu contexto social. Em outras palavras, “o discurso é a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010, p. 207). Logo, nessa perspectiva, considerar o nível discursivo do texto significa reconhecer que a língua é constituída por dois polos: sistema (forma linguística que pressupõe um sistema universalmente aceito) e enunciado (ligado ao contexto, só se revela numa situação e na cadeia dos textos; está ligado às relações dialógicas peculiares) (BAKHTIN, 2003). Nessas condições, o discurso encontra-se presente tanto no sistema da língua quanto no contexto de produção, o que

⁵O Círculo de Bakhtin correspondia a um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que se reuniam regularmente entre 1919 e 1929, preocupados com as formas de estudar linguagem, literatura e arte. Nele incluía o linguista Valentin Voloshinov (1895-1936), o teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938), Mikhail Bakhtin (1895-1975) dentre outros.

pressupõe reconhecer que está sempre em diálogo com outros enunciados, uma vez que se define também como dialógico. Nessas condições, é preciso lembrar, em uma análise discursiva, que

As relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, qualquer que seja seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2010, p. 209).

Apesar de Bakhtin/Voloshinov (2004) e Bakhtin (2003, 2010) não se preocuparem com o ensino da língua, suas teorias podem ser, facilmente, reportadas a essa área. Compreendemos, então, que quando se trabalha, por exemplo, com a produção textual no ensino da Língua Portuguesa, deve-se criar uma situação de interação em que se permita, ao aluno, interagir socialmente com outro(s) interlocutor(es). Tal situação vai definir um *por que escrever* (objetivo comunicativo), *para quem* (seleção do interlocutor), um gênero discursivo e, até mesmo, o estilo e o léxico que serão empregados. A mesma situação deve existir quando se pensa na leitura, correção e reescrita desses textos. Não se pode, assim, exigir uma linguagem formal do aluno, se a situação de produção não se prestava a esse tipo de interlocução; da mesma forma, não se pode aceitar uma linguagem totalmente informal se a situação exigia o uso do formal.

Todavia, para analisar o nível discursivo de um texto, é preciso criar algumas categorias, já que essas não se encontram delineadas pela teoria. Assim, para essa situação de análise, estamos considerando os seguintes elementos: a) o contexto social de produção (sala de aula); b) o autor do texto (alunos do 5º ano); c) interlocutor real (professora que aplicou a proposta de produção, a qual era desconhecida dos alunos); d) o gênero (carta de apresentação); e) a linguagem exigida para aquela situação de interação (linguagem formal, que desconsidera o uso de gírias; os marcadores conversacionais – olha, veja, bom, aí, etc. – haja vista a situação de interação; o uso constante de “a gente” em substituição ao pronome “nós”; a reiteração de palavras e do conector “e”, muito comum no discurso oral; e a ausência dos sinais de pontuação).

No texto abaixo, podemos visualizar essas marcas:

Figura 03: Texto produzido por aluno do 5º ano com negrito nas marcas da oralidade - nível discursivo.

....., 02 de agosto de 2013
 Querida Professora agora vou responder sua carta **Eu** nunca se mudou desde que **eu** nasci e moro no sítio **Eu gosto** de cachorro gato etc **Eu** amo sítio e a cidade mais o menos **Eu** moro com minha mãe, **vó**, irmão, irmã, esta é a minha família eu quero ser professora ou médica **mais** vou muito **legal** a minha infansia **Eu** estudo i **Eu gosto** muito de estuda a minha turma **e legal**. **Eu** gosto muito de **Bebeis** a verdade **Eu gosto** de criança **Eu** vaso capoeira **de cedo** é **legal** meu nome e K.S. **Eu** tenho dez anos. **Eu gosto** de zoológico porque tem amimaís como leão, tigre, cobra, pantera, macaco, papagaio, coruja, etc. ate mais **Eu desejo tudo de Bom para você** Querida professora Luciane
 Um **grande abraço e um Beijo**
 K.S.

Fonte: banco de dados da pesquisadora

Conforme podemos observar nesse texto, o aluno apresenta dificuldades em apenas alguns elementos quanto se trata do nível discursivo. Vejamos cada um dos pontos analisados em tal nível:

- a) O contexto social de produção: como o contexto de produção correspondia à sala de aula, podemos afirmar que o aluno considerou essa situação, o que aparece explicitamente demarcado no texto em dois segmentos do discurso: primeiramente ao se dirigir ao seu interlocutor como *querida professora*; e depois quando está se preparando para a finalização do discurso – *querida professora Luciane*. Ao denominar o seu interlocutor de “professora”, assume seu papel social de aluno que fala de uma escola X para um interlocutor Y.
- b) O autor do texto: o autor desse texto é um aluno do quinto ano e podemos afirmar que há momentos em que ele se coloca, realmente, como autor, mostrando dominar esse aspecto. Um exemplo é quando ele diz *Agora vou responder sua carta*, mantendo um diálogo entre autor e interlocutor, demonstrando ter recebido uma correspondência que será agora respondida. Outro momento é na sua assinatura, pois, ao colocar o nome ao final da carta ele se assume, mais uma vez, como autor da mesma.
- c) Interlocutor real: quando Bakhtin (2004) fala do processo de expressão-enunciação ele afirma que toda interação possui um interlocutor real, por mais que este não esteja presente no local em que a mesma ocorre. E, normalmente, um texto dá pistas de quem é esse interlocutor. Nesse sentido, podemos dizer que o aluno dominou esse aspecto, o que pode ser demonstrado pelo fato de ele dialogar, na carta, com a professora Luciane, já que, atendendo ao solicitado na proposta de produção e respondendo aos questionamentos ali colocados, bem como na carta que produzimos e lhe entregamos, ele a responde por meio de uma outra carta, na qual fala sobre si.
- d) O gênero (carta de apresentação): Para Bakhtin/Voloshinov (2004) e outros estudiosos que ampliam/explicam suas teorias, as particularidades de um gênero discursivo não podem ser ignoradas, pois isso “leva ao formalismo e a abstração, desvirtua a historicidade do estudo,

enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida” (BAKHTIN, 2000, p. 282). Em outras palavras, quando se escolhe, com base na situação de produção, um determinado gênero para a interação, devemos seguir as particularidades do mesmo. Por isso, podemos afirmar que o aluno dominou o gênero carta de apresentação no momento da escrita, já que apresentou os elementos que o compõem (local e data, vocativo, texto, despedida e assinatura), assim deixou com que seu texto cumprisse o objetivo e a função social desse gênero.

e) A linguagem exigida para aquela situação de interação: nesse aspecto, falamos da linguagem em relação direta ao seu interlocutor, que, naquela situação de uso, não permitiria os desvios da norma padrão, que consideramos, conforme Brito, como “regras relativamente explícitas no que diz respeito à ortografia, concordância nominal e verbal e regência e, no uso de determinadas expressões lexicais” (BRITO, 1997, p. 56-57). Podemos, pois, dizer que o aluno não dominou tal aspecto em seu texto, já que ele demonstra desvios da linguagem, como “mais” (mas), “bebeis” (bebês), “vó” (avó) e “de cedo” (pela manhã). Trata-se, provavelmente, de expressões usadas livremente na oralidade do aluno, advindas do ambiente informal (familiar e entre amigos), justificando, de certa forma, a sua ocorrência na escrita. Além disso, a reiteração exagerada de palavras e expressões (“eu gosto”, “é legal”, etc.), que se deve, entre outros aspectos, a uma dificuldade de pontuar o texto adequadamente, reestruturando-o; revela, também, o não total domínio desse aspecto. Destacamos, aqui, ainda, as expressões inadequadas em relação a não intimidade do autor com o interlocutor, como “Eu desejo tudo de bom para você” e “Um grande abraço e um Beijo”. Isso talvez tenha ocorrido pelo fato de ele ter se sentido à vontade com nossa presença, o que se manifestou como uma proximidade maior entre autor e interlocutor.

Porém, de um modo geral, entendemos que o aluno atendeu a proposta de interação estabelecida, mesmo que em alguns aspectos discursivos ele tenha cometido algumas inadequações. Todavia, se entendemos, conforme Bakhtin, que “as relações dialógicas, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente linguístico do seu estudo” (BAKHTIN, 2010, p. 208), podemos considerar que o diálogo foi estabelecido a partir do texto e que o sujeito-autor cumpriu com seu projeto de dizer, ao organizar o seu discurso.

Nível morfofossintático

Ao tratar do nível morfofossintático, pautamo-nos, teoricamente, na Sociolinguística e, mais especificamente, em Mollica (2010), Omena e Duarte (2010). Analisamos os níveis morfológicos e sintáticos de forma conjunta por compreender que estão intimamente ligados. Nesse sentido, Omena e Duarte (2010) afirmam que “os diferentes grupos de fatores linguísticos não atuam

isoladamente; daí a necessidade de uma análise cuidadosa que leve em conta a influência de condicionamentos dos diversos níveis sobre a realização da variável em estudo” (OMENA; DUARTE, 2010, p. 86). São esses alguns dos exemplos de marcas analisadas nesse nível: a) não utilização das marcas de concordância; b) incoerência entre pessoas gramaticais (Você sabe que te enganam); c) uso “livre” da flexão dos verbos (Se ele fazer); d) omissão dos pronomes oblíquos (Eu vi ela); e) junção e segmentação das palavras, conforme a pronúncia. Vejamos no texto analisado:

Figura 04: Texto produzido por aluno do 5º ano com destaque nas marcas da oralidade - nível morfossintático

....., 02 de agosto de 2013
 Querida Professora agora vou responder sua carta **Eu nunca se mudou** desde que eu nasci e moro no sítio Eu gosto de cachorro gato etc Eu amo sítio e a cidade mais **omenos** Eu moro com minha mãe, vó, irmão, irmã, esta é a minha família eu quero ser professora ou médica mais voimuito legal a minha infansia Eu estudo i Eu gosto muito de estuda a minha turma e legal. Eu gosto muito de Bebeis a verdade Eu gosto de criança Eu vaso capoeira de cedo é legal meu nome e K.S. Eu tenho dez anos. Eu gosto de zoológico porque tem animais como leão, tigre, cobra, pantera, macaco, papagaio, coruja, etc. até mais Eu desejo tudo de Bom para você Querida professora Luciane
 Um grande abraço e um Beijo
 K.S.

Fonte: banco de dados da pesquisadora

a) Não utilização das marcas de concordância: ao tratar desse aspecto, lemos nas mais diversas gramáticas da língua portuguesa sobre a necessidade de que haja uma concordância entre os elementos presentes na materialidade linguística do texto, seja entre o sujeito e o verbo, entre o sujeito e o pronome, entre o nome e o verbo, etc. (CUNHA, 2001). E, nesse sentido, entendemos que se trata de um aspecto dominado pelo aluno, conforme pode ser observado nos seguintes exemplos: “vou responder”, “eu amo”, “eu desejo”, “está é”, “eu gosto”, etc.

b) Incoerência entre pessoas gramaticais (Você sabe que te enganam): falamos, nesse ponto, de forma indireta, da concordância nominal, já que se trata da necessidade de concordar o pronome com a pessoa gramatical que se utilizou. Sob esse ângulo, podemos dizer que é um aspecto não dominado pelo aluno, já que na única frase em que ele utilizou um pronome oblíquo faltou concordância: “Eu nunca se mudou”. Trata-se de uma mistura de pessoas gramaticais (1ª pessoa do singular com o pronome oblíquo da 3ª pessoa do singular), também uma marca muito recorrente na oralidade. E, normalmente, a pessoa que faz uso dessa marca, o faz tanto em contextos formais quanto informais, o que demonstra tratar-se de uma marca persistente na linguagem.

- c) Uso “livre” da flexão dos verbos (Se ele fazer): quando tratamos desse assunto, falamos, ainda, da concordância verbal, aspecto também dominado pelo aluno, pois não houve nenhum desvio nesse sentido.
- d) Omissão dos pronomes oblíquos (Eu vi ela): não houve nenhuma ocorrência nesse sentido, motivo pelo qual podemos dizer que, também, é um aspecto dominado.
- e) Junção e segmentação das palavras, conforme a pronúncia: como os alunos se baseiam na oralidade para interagir na escrita, essa marca aparece com bastante frequência nos textos. Trata-se de um aspecto que ainda não está totalmente dominado pelo aluno, uma vez que ele escreve “omenos”, com a intenção de escrever ou menos. Tal marca justifica-se na oralidade por ser a forma com a mesma é, muitas vezes, pronunciada.

Nível fonético

Compreendemos que, no nível fonético, devem ser analisadas as palavras que sofreram alguma alteração em sua forma ortográfica, motivada pela oralidade. Segundo Monteiro (2010), trata-se de desvios comuns na fase inicial de alfabetização, devido ao estabelecimento de “uma relação direta entre os sons e os grafemas, ou seja, as crianças escrevem conforme ‘falam’, estabelecendo para cada letra um valor sonoro, o que se traduz em grafias para as palavras (MONTEIRO, 2010, p. 275). Nesse caso, é preciso considerar, por exemplo, conforme Gomes e Souza (2010) e Bortoni-Ricardo (2005): a) Monotongação de ditongos decrescentes (otro); b) Neutralização das vogais /e/-/i/, /o/-/u/ (leiti, bolu); c) Desnasalização das vogais átonas finais (homi); d) Assimilação e degeminação do /nd/(mostrano); e) Queda do /r/ no final das formas verbais (ler / lê); f) Semivocalização do /lh/. (velho / veio); g) Troca do /l/ pelo /r/ (calça / carça); h) Desvios segmentais (trocas /p/-/b/, /t/-/d/, /f/-/v/); i) Correspondência irregular (s – c – ç). Vejamos:

Figura 05: Texto produzido por aluno do 5º ano com destaque nas marcas da oralidade - nível fonético

....., 02 de agosto de 2013

Querida Professora agora vou responder sua carta Eu nunca se mudou desde que eu nasci e moro no sítio Eu gosto de cachorro gato etc Eu amo sítio e a cidade mais **omenos** Eu moro com minha mãe, vó, irmão, irmã, está e a minha família eu quero ser professora ou medica mais **voi** muito legal a minha **infansia** Eu estudo **i** Eu gosto muito de **estuda** a minha turma é legal. Eu gosto muito de **Bebeis** a verdade Eu gosto de criança Eu **vaso** capoeira de cedo é legal meu nome e K.S. Eu tenho dez anos. Eu gosto de zoológico porque tem animais como leão, tigre, cobra, pantera, macaco, papagaio, coruja, etc. até mais Eu desejo tudo de Bom para você Querida professora Luciane

Um grande abraço e um Beijo,
K.S.

Fonte: banco de dados da pesquisadora

- a) Monotongação de ditongos decrescentes (otro): Trata-se de um aspecto não dominado totalmente pelo aluno, já que ele apresenta a palavra “mais omenos”, a qual pode ser justificada na oralidade, pois, quando a pronunciamos, temos a tendência de pronunciar a vogal o de forma mais forte em relação a vogal “u” que, às vezes, acaba nem sendo pronunciada. E o que observamos nesse exemplo, é a transcrição dessa marca para a escrita, o que pode levar o aluno a acreditar que não exista a palavra “ou”, mas apenas “o”, significando alternância.
- b) Neutralização das vogais /e/-/i/, /o/-/u/: Nesse aspecto, Monteiro (2010) aponta exemplos de palavras como “leiti”, “bolu”, “denti”. São marcas de que a criança está sendo influenciada pela linguagem oral. Isso não está presente no texto analisado, o que nos leva a inferir que seu autor tenha dominado esse aspecto, uma vez que ele poderia ter revelado-o na grafia da palavra verdade com uma troca do e pelo i (“verdadei”), o que ele não fez.
- c) Desnasalização das vogais átonas finais (“homi”): Zorzi (1997) caracteriza essa marca como omissão de letras justificada na oralidade. Porém, o aluno produtor do texto demonstrou domínio em relação a essa construção fonética.
- d) Assimilação e degeminação do /nd/ (“mostrano”): Esse aspecto é explicado por Zorzi (1997) como a omissão de parte da palavra com apoio na oralidade. Isso é dominado pelo autor do texto, já que não observamos essa marca.
- e) Queda do /r/ no final das formas verbais: trata-se, também conforme Monteiro (2010), de marcas ocasionadas pela influência da oralidade na escrita, pois, dificilmente a criança pronuncia o r em verbos infinitivos, falando “lê” ou invés de “ler”; “falá” ao invés de “falar”. É uma marca observada na frase “eu gosto muito de estuda”, quando, na verdade, deveria ter sido escrito “estudar”, motivo pelo qual afirmamos que esse aspecto não é totalmente dominado pelo aluno.
- f) Semivocalização do /lh/. (velho / veio): mais um processo que pode ser caracterizado pelo apoio na oralidade e, mais especificamente, na variação linguística de um grupo social de classe social menos elevada, mas dominado pelo autor do texto.
- g) Troca do /l/ pelo /r/ (calça / carça): trata-se, também, de uma troca devida à variação linguística, marca, também, dominada pelo aluno.
- h) Desvios segmentais: de acordo com Monteiro (2010) trata-se de trocas /p/-/b/, /t/-/d/, /f/-/v/, devido ao fato de “os sons serem muito parecidos, ou seja, o modo e o ponto de articulação para a produção de cada um desses pares é exatamente o mesmo, exceto pela vibração ou não das cordas vocais, o que os torna diferentes é apenas o valor do traço [sonoro]” (MONTEIRO, 2010,

p. 277). É o que observamos nos seguintes exemplos do texto: “vaso” e “voi “ao invés de “faço” e “foi”, levando-nos à compreensão de que é um aspecto não totalmente dominado pela criança.

i) correspondência irregular: para Monteiro (2010), um exemplo, é a dificuldade de distinguir na escrita letras com sons parecido, como por exemplo, c e s, como em “infansia”. Trata-se, também de um aspecto não dominado integralmente pelo aluno.

Considerações finais

A oralidade ainda está muito presente na escrita de nossos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. É o que buscamos demonstrar aqui: o quanto essas marcas podem afetar a escrita de um texto, independentemente do gênero ao qual ele pertença. É importante frisar que esse problema, comumente, não é foco de atenção por parte dos professores, que resumem sua ação à correção desses desvios, sem buscar compreender o porquê eles estão acontecendo e, também, o porquê de as correções não estarem surtindo efeitos desejados.

Cabe, pois, a nós, professores, pensar em como abordaremos tais desvios, tão recorrentes na escrita de nossos alunos, no ensino da língua portuguesa. Conforme já apontado, é essa uma de nossas preocupações principais que guiam o desenvolvimento dessa pesquisa. Portanto, esse será, em futuros textos publicados, o foco das reflexões. Esperamos, assim, poder responder a tais dúvidas/dificuldades. Porém, gostaríamos de frisar, aqui, que, ao realizarmos tais apontamentos, não temos a intenção de criticar professores, tendo em vista que também somos professoras e conhecemos a situação da educação no Brasil, assim como as dificuldades e obstáculos de nossos alunos. Queremos apenas, de alguma forma, colaborar com a melhoria da qualidade de ensino e o aumento do conhecimento de nossos alunos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____; VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAUMGARTNER, Carmen; Teresinha; CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. Gêneros do discurso: apontamentos. In: CATTELAN, João Carlos; LOTTERMANN, Clarice (Orgs.). *A redação no vestibular da Unioeste*: alguns apontamentos à luz da Linguística Textual. Cascavel: Edunioeste, 2009, p. 162-188.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

- BRITO, L. P. L. *A sombra do caos: ensino de línguas x tradição gramatical*. São Paulo: Mercado Letras, 1997.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____(org.). *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- MONTEIRO, Carolina Reis. A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas. In: *Cadernos de Educação*. Pelotas: FAE/PPGE/UFPel, janeiro/abril, 2010, p. 271-302.
- OMENA, Nelize Pires; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. Variáveis Morfossintáticas. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- PAIVA, Maria da Conceição. de. A Variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROJO, Roxane. *Falando ao pé da letra: a constituição da narrativa e do letramento*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- VAZ, Denise Marques Lameiras. *Cartas: definição, características e funcionalidade do gênero em língua inglesa*. Disponível em: http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/posteres/artigo-denise_marques.pdf. Acesso em 19 de setembro de 2013.
- WATTHIER, Luciane. *Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar Bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2010 (dissertação de mestrado).
- ZORZI, Jaime Luiz. *A apropriação do sistema ortográfico nas 4 primeiras séries do primeiro grau*. Tese (Doutorado) Campinas, SP: Universidade Estadual de Capinas, Faculdade de Educação, 1997.

Recebido em 06/2014.

Aceito em 07/2014.